

## CARTA ABERTA AOS PARTICIPANTES DO X ENCONTRO

### **A GAROA É ÁGORA, AGORA.**

"Tupi or not Tupi"

(Oswald de Andrade)

Cidade de São Paulo, a Terra da Garoa, será nossa Ágora, onde agora, democraticamente, trocaremos ideias e ideais. Um préstito reforçando nossa identidade.

Lá estaremos entre 4 e 6 de setembro, véspera do dia 7, quando há 193 anos, D. Pedro I às margens do Ipiranga, bradou o grito de independência.

Com a palavra, D. Maria Leopoldina, mulher de D. Pedro, que dias antes o aconselhou: "O pomo está maduro, colhe-o agora ou apodrecerá". Ah! As mulheres em nossas vidas! Já pontuava Winnicott.

Importemos a Mafalda do Quino: "Uma cosa es un país independiente, y otra un país in the pendiente". Com todo respeito Mafalda, foi o que conseguimos, por enquanto.

Feliz a escolha do título do Encontro: Winnicott e o Contemporâneo. Nada mais contemporâneo que a cidade de São Paulo, desde sempre.

Na primeira metade do século XX (1922), o modernista Oswald de Andrade, salta do trampolim da transcendência, à contemporaneidade. Lança a Semana de Arte Moderna e seus dois manifestos: Manifesto da Poesia do Pau Brasil e Manifesto Antropofágico: "só a antropofagia nos une. Deglutir o legado cultural europeu e digeri-lo, sob a forma de uma arte tipicamente brasileira", que metaforicamente nos remete a pensar a primeira mamada teórica para Winnicott.

Ainda com o paulista Oswald: "a alegria é a verdadeira prova dos nove". Assim como o brincar, que sustenta a clínica de Winnicott.

E nos presságios Oswaldianos: "contra a memória, fonte de costumes, a experiência pessoal renovada". Herança que Freud nos legou e nos acompanha na contemporaneidade.

Em nossa epígrafe, a homenagem a Oswald: "Tupi or not Tupi". Com licença poética, a dinâmica do verdadeiro e do falso self para Winnicott.

Como um eco às profecias de Oswald, nos reuniremos em Sampa.

Mário de Andrade, conterrâneo e contemporâneo de Oswald, nos apresenta Macunaíma. O índio e o preto transformam-se em branco ao longo da história. Nosso anti-herói indolente, desconstruindo o romantismo vigente e passando a conviver com a produtividade branca. Estamos em São Paulo.

Assim é Sampa de nossos dias. Sampa estampa (ex-tampa) suas mazelas e virtudes. Ambiguidades, idiosincrasias, contradições e paradoxos, que Winnicott nos chama a aceitar. Pelas ruas de São Paulo, dramatizações: pressa e engarrafamento, seca e enchente, engravatados e desbundados, caretas e cracudos. E numa contribuição geográfica, o rio Tietê anda na contra mão. Enquanto outros rios correm para o oceano, o Tietê corre para o interior.

São Paulo é agitada, ansiosa, grandiosa e vaidosa, como tão bem definiu sua escritora Mariazinha Congilio: "São Paulo parece uma noiva feliz no dia do casamento".

Ao chegar em Sampa, o baiano Caetano Veloso, confessa: "nada entendi". Sem deixar de observar a deselegância discreta de suas meninas. Elegeu Rita Lee como sua mais completa tradução. Chamou de mau gosto o que viu. Nem ele, nem outros narcisos farão de São Paulo um espelho. São Paulo não é espelho. São Paulo é, simplesmente. "É o avesso do avesso, do avesso do avesso". Caê, logo aprendeu a chamar-lhe realidade.

Um aviso a Caê: não precisa cruzar a Ipiranga com a Av. São João. Esteja onde estiver, alguma coisa acontecerá em nosso coração. Sua musa Rita Lee, lhe diria: Caê, "desculpe o auê. Eu não queria magoar você. Perdi a cabeça. Esqueça".

Outro baiano, paulista por escolha, Tom Zé assume: "porém com todo o defeito, te carrego em meu peito. São. São Paulo meu amor".

Para tentar entender a complexidade pluralista paulista, convém ler o escritor Luiz Ruffato em seu livro: Eles Eram Muitos Cavalos.

Literatura? Não podemos deixar de fora Monteiro Lobato e sua literatura infantil, fonte de interesse para os admiradores do pensamento do pediatra e psicanalista, Winnicott.

Além disso, Lobato em uma obra visionária, escreve em 1926: "O Presidente Negro", onde previa um presidente negro para ao E.U.A em 2228. Obama chegou muito antes. Mesmo assim, crédito para Lobato.

Nas artes, São Paulo nos abre um leque de galerias. Além do MASP, merece destaque o Pavilhão da Bienal, com os traços da genialidade de Oscar Niemeyer. Lá acontece a internacional e conhecida Bienal, só comparada à Bienal de Veneza e à Documenta de Kassel. O Instituto Tomie Ohtake com toda sua pujança e luminosidade. Tomie "a dama das artes plásticas" nos deixou aos 101 anos, mas está eternizada pela leveza e elegância estética de suas esculturas presentes nos logradouros públicos, transgredindo o protocolo retilíneo das construções. Um pulmão por onde respiram os olhares fadigados dos transeuntes.

Vetores plenos de significado, à espera de aplausos, marcam as ribaltas de Sampa. Do over à vanguarda, do Credicard Hall (7.000 lugares) aos históricos TBC, Arena e Oficina, prontos para acolher as diversidades de um público heterogêneo, ávido por surpreender-se. Oficina, onde em 1967, Zé Celso Martinez dirigiu a emblemática e inesquecível "Rei da Vela", peça escrita em 1933 pelo eclético Oswald de Andrade. Em seu texto, membros das elites burguesa e rural, envolvidas em falcatruas, falta de moralidade e sexualidade conturbada. É contemporâneo ou não é? E pasmem, Joana, um dos personagens, também é conhecido como João dos Divãs. Que tal?

Com procedência, São Paulo orgulha-se de ser a locomotiva do país. Está no lema do brasão da bandeira da cidade: "NON DUCOR, DUCOR", do latim: não sou conduzido, conduzo.

Descontextualizando mitos, numa referência à propalada rivalidade entre cariocas e paulistas, a cantora e instrumentista paulista Mallu Magalhães casa-se com o músico carioca Marcelo Camelo (Los Hermanos), que compõe: "assim que o amor entrou no meio, o meio virou amor". Winnicott na veia.

O mundo mora em Sampa, distribuindo suas etnias e culturas por diferentes bairros, que são um pedaço de cada país: Mooca (Itália), Higienópolis (Alemanha), Bom Retiro (Coréia), Liberdade (Japão), a maior comunidade nipônica fora do Japão. Com tanta influência gastronômica, dá para imaginar a riqueza da culinária, espalhada pelos seus luxuosos e exóticos restaurantes.

Hora de relaxar? Parque Ibirapuera, feira de artesanato e antiguidades da Benedito Calixto e a Feira da Vila Madalena, um colírio para os olhos e um convite ao apetite. Uma chácara-agrícola-urbana multiforme e multicromática.

Festejar? Bailes, fandangos e rodas de samba, mas em ritmo acelerado. Afinal estamos em Sampa. Um conselho do compositor e intérprete Adoniran Barbosa: Se Arnesto te convidá prum samba no Braz, não vá. É "rolê zuado". Adoniran nos lembra "nóis fumos num encontremos ninguém".

É isso aí "meu". Não se espantem com a excessiva fraternidade. Lá todos seremos "mano".

Os diversos temas desfraldados pelas mesas redondas do X ENCONTRO, fazem parte do dia a dia dessa grande metrópole e de sua gente. Sejamos tomistas: ver para crer.

Mas o nosso ENCONTRO, também nos contemplará com ficção. A leitura dramática de uma conversa entre Che Guevara e Winnicott, adaptada da tese de mestrado do nosso colega Sergio Belmont, defendida na USP. O paulista Jânio Quadros, nosso ex-presidente que condecorou Che, iria curtir.

Como tudo termina, chegaremos ao fim entoando de Adoniran Barbosa com os Demônios da Garoa: "não posso ficar nem mais um minuto com você. Sinto muito amor, mas não pode ser". Só que a mãe do Adoniran, não dorme enquanto ele não chegar. Seria uma tentativa de perenizar a mãe devotada comum, conceituada por Winnicott? Não importa. Cantemos!

Uma coisa é certa: o X ENCONTRO vai ser "da hora". E Sampa deixará saudade. Aquele gostinho de quero mais.

Até lá,

José Guedes